



Gaiato

4560 PENAFIEL
TAXA PAGA

Quinzenário • 15 de Maio de 1993 • Ano L - N.º 1283 - Preço 30\$00 IVA incluído

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Cinquenta anos depois

O «sonho» principia a consumir-se

O bocadinho de história da Casa do Galato de Paço de Sousa, encetado a quinzena passada, parámo-lo em 27 de Maio de 1943, data do início das primeiras construções da Aldeia *sonhada*, justamente porque quatro dias depois soaria a hora que tomamos como a do verdadeiro começo: «a chegada da Casa do Galato de Coimbra de três pequenos súbditos que fundaram a Comunidade Infante, instalada nas ruínas da Casa Pia».

Nestas terras de Egas Moniz, a cheirar a berço da nacionalidade, acontece à Casa do Gaiato o mesmo que ao Reino de Portugal: a existência de mais que uma data possível para marcar o seu nascimento.

Elegemos aquela que mais nos fala de vida, do *sonho* que principia a consumir-se: «uma Aldeia habitada por garotos da rua a cultivar a terra e a comer o pão com o suor do seu rosto».

Pensava que no velho livro de registo da entrada dos rapazes, à guisa de termo de abertura, tínhamos um bocadinho de prosa do Pai Américo e que iríamos aqui soboreá-la. Enganei-me. O dito livro continua o das Actas da Casa Pia; e a inscrição inicial cinge-se à lista dos doze primeiros cidadãos desta Casa, todos vindos de Miranda do Corvo.

Primeiros tempos de vida

Não temos onde eu pensava, mas sempre temos o relato do 31 de Maio de 1943 e dos primeiros tempos de vida: Naquele dia, «chegam os três pioneiros da Obra — o António de Celorico, o Amadeu de Elvas e o Adolfo de Coimbra. Instalamo-nos todos em uma dependência do antigo cenóbio que ficou de pé, para tradição. Compramos uma vaca, algumas aves domésticas e coisas de primeira necessidade. Cultiva-se um pequenino quintal, com sua horta e jardim e vivíamos como

Continua na página 4

• SETÚBAL

15 de Maio, 21,30 h
Clube Recreativo Piedense
COVA DA PIEDADE

21 de Maio, 21,30 h
Incrível Almadense - ALMADA

22 de Maio, 21,30 h
Sociedade - SARILHOS
GRANDES

28 de Maio, 21,30 h
Auditório do Centro
Paroquial de MONTIJO

29 de Maio, 21,30 h
Sociedade Filarmónica
Oper. Amorense - AMORA

5 de Junho, 21,30 h
Sociedade das CABANAS

6 de Junho, 21,30 h
Igreja Nova - COSTA DA
CAPARICA

11 de Junho, 21,30 h
Fórum Luísa Todí - SETÚBAL

12 de Junho, 21,30 h
Teatro Aveirense - AVEIRO

FESTAS

19 de Junho, 21,30 h
Teatro Gil Vicente - CASCAIS

26 de Junho, 21,30 h
Cine-Teatro João da Mota
SESIMBRA

O valor das nossas Festas, de Setúbal, está em pôr perante a sensibilidade global dos nossos amigos espectadores, o espírito de maravilha e de optimismo que animou a alma do Padre Américo, encantada pela pessoa de Jesus, fonte de toda a sua inspiração e o levou a escrever no *Famoso* as páginas mais belas de intuição pedagógica, de que não há rapazes maus — o

que há são métodos maus de educar rapazes — emerge com argumentações assombrosas e irrefutáveis do espectáculo que os rapazes prepararam este ano.

Não temos a pena incomparável do Fundador da Obra da Rua, mas temos a sua Obra a manifestar por si própria o que Ele profetizou.

O valor das capacidades de liderança que as Casas do Gaiato buscam na riqueza pessoal de cada rapaz e a forma como as explora, desenvolve e enaltece, fica bem patente não só no que os rapazes declamam — mas sobretudo no que eles fazem.

Padre Acílio

• LISBOA

15 e 16 de Maio, 15,30 horas — Salão da Igreja de Cristo Rei da Portela — SACAVÉM.

22 de Maio, 15,30 horas — Cine Teatro de LOURES.

23 de Maio, 15,30 horas — Salão Paroquial da BENEDITA.

30 de Maio, 15,30 horas — Salão dos Bombeiros de TORRES VEDRAS.

6 de Junho, 15,30 horas — Cinema São José — SACAVÉM.

Continua na página 4



O «Alentejano» — como todos eles — aprecia um bom naco de pão.

As nossas limitações

Moçambique

NA Quinta-feira, à noite, apareceram, aqui na Massaca, seis garotos da rua, liderados pelo Zacarias. Este já nos conhece há muito e voltou pela sétima vez. Alguns eram conhecidos, como tantos outros que acodem ao carro, mal este pára na cidade, a perguntar a hora de vir. A história é a mesma. Vivem sem família. O pai morreu, a mãe desapareceu ou embebedou-se e daí em diante é a rua que os acolhe. Eu não queria dizer rua. Quem os acolhe ali é quem lhes dá dinheiro, às vezes a troco de nada, só para se livrar deles, ou por pena ou medo de ver o carro riscado ou roubado em algum acessório. Gosto que as pessoas quando cá vêm, descubram isso por

si mesmas. Aqui não há incómodo nem medo.

Vivem em grupos, comem do que arranjam, nem que tenham de o procurar no caixote do lixo. À noite recolhem-se nos esconderijos das casas velhas que há na baixa de Maputo. De dia não é melhor. Cada tempo tem os seus segredos e vícios que os acompanharão, vida fora, se não lhes dermos as mãos.

Pois vieram até nós na esperança de ficarem. Tomaram banho, receberam roupa lavada, sentaram-se à mesa com os nossos e dormiram. No dia seguinte, após o café da manhã, foram deixados na rua novamente. É o segundo grupo a que temos de fazer assim.

Da primeira vez, um voluntário, José Carlos, de Eyora, *escandalizado*, regressou a Portugal. É uma atitude dura. Não temos alternativa. Não podemos transferi-los sem o mínimo de condições para os receber. Nem para estes cinquenta e oito a temos de verdade. As nossas limitações não são apenas de espaço. São também da nossa capacidade para manter um ritmo e uma harmonia aceitáveis em casa.

Que alívio ter passado a crise da malária que nos assolou durante dois meses! Corridas ao posto médico da Barragem e ao Hospital. Atenção contínua aos quase vinte acamados em casa, que implicou anomalias no trabalho e na escola. Enquanto isso,

faltou a água. A bomba acumulou sal, prendeu e queimou o motor. Estes reparados, voltam a falhar passados quinze dias. Há oito dias que a nossa água vem da fazenda, de tractor, com os contratemplos de pneus furados no caminho e a falta de materiais onde são precisos nos lugares diversos onde decorrem obras.

Já vai o tempo em que o gerador nos fazia a mesma partida. Nem água nem luz. Tivemos de comprar outro. Vamos trazer outra bomba se a encontrarmos na cidade. A gente, com a ajuda de Deus, renova-se um pouco, mas as coisas não! Que possamos continuar!

Padre José Maria

Conferência de Paço de Sousa

DOENTES — Com um molho de receitas médicas na mão — são para ele, mulher e filha — o homem não tem quase força nem palavras para se exprimir!

«Precisamos destes rumédios..., q'a reforma não dá acajo (quase) pr'a nada!»

Acudimos imediatamente. Custaram vários contos de réis.

Ele nasceu em lar muito humilde. Tão pobre que, durante muitos anos, prestámos auxílio permanente. Os irmãos subiram na vida — como diz o povo. Ele, mais carenciado por razões de saúde e não só, quedou-se no limiar da pobreza.

O caso deste ex-marçano dá para reflectir. Agora, não é um problema igual ao dos pais, e dos seus irmãos, em tempo de vacas magras. Mas a família sofre, tendo ao menos 'um caldinho adubado. Falta-lhes a terapêutica para subsistirem com saúde, enquanto Deus quiser.

Mal recompostos deste problema, botámos mão a outra via-sacra. No reino dos Pobres, porque pobres, a doença agrava o seu viver: O sinistrado cocheava. Vá lá, não estava com um copito a mais. Conta peripécias do acidente em que «podia ter morrido!» — exclama com ar de dor. Mostra a perna, pensos, ligaduras. Queixa-se do incómodo. Especialmente de não poder trabalhar — «agora nem posso ganhar!...» — e não ter quê para se curar. Aviamos. Muda de face e mostra, então, um ligeiro sorriso por ter um alívio prás dores.

PARTILHA — Assinante 11902, do Fundão, com a «mesada» habitual. «Avó de Sintra», idem. Assinante 17258, de Baguim do Monte (Rio Tinto), 2.500\$00 «para a renda de casa duma viúva» e «mil escudos mais, de duas irmãs solteiras, para o que for preciso».

De Almeirim, a assinante 21944 manda esta carta amiga: «Enviei um vale postal, de cinco mil escudos. Apenas uma fatia muito transparente, mas oferecida com muito amor.

Pelas CASAS DO GAIATO

Nunca esqueço os meus irmãos em Cristo, mais carenciados. O GAIATO alerta-me em todos os seus escritos. Que o Pai do Céu dê sempre coragem aos que lutam para o bem estar dos que sofrem na alma e no corpo. Sou uma pessoa idosa, com 81 anos. Já tenho dificuldade em escrever».

Assinante 8929, de Santarém, três mil escudos. A amiga, que serviu de intermediária, afirma que ela «é uma pessoa doente. Que vive muito só. Que sofre bastante». A Fé, porém, alivia a sua cruz.

Mais mil escudos, da viúva do assinante 13245, do Porto. Cinco vezes mais, do Luso. O mesmo, da assinante 21319, de Guimarães — «por alma de meu querido pai». E a remessa, habitual, da assinante 3114, da Capital: «A vida será muito triste se não existir amor ao Próximo. Por esse amor remeto um vale de correio para aqueles que não esqueço. (...) Mesmo que na minha mão não pouco esteja, ponho nestas dádivas — repito — todo o meu amor. Rezem por mim».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CASTIGO — Fomos castigados, sem merenda, porque houve meninos que, no pequeno-almoço, estragaram tostas e leite com café.

Mais uma vez foi lembrada a fome que existe no mundo, especialmente em África,

Angola e Moçambique onde temos as nossas Casas.

Há muita gente que estraga bastante e não se lembra dos Pobres, que não são poucos. Se todos os quem têm possibilidade duma boa alimentação, se lembrassem dos que passam fome, com certeza não se estragaria tanto.

MÊS DE MAIO — É o mês de Maria, como todos sabem. E o mês da(s) Mãe(s).

Sempre que chega o mês de Maio a malta, cá em Casa, lembra Maria — Mãe de Jesus.

Rezamos os cinco mistérios do Terço e entoamos cânticos em louvor a Nossa Senhora. Durante este mês, o Terço é mais alegre, mais vivido, mais sério.

VISITAS — O ano lectivo aproxima-se do fim e as Escolas, como é normal, aproveitam para realizar alguns passeios. Muitos estudantes nos visitam, agora. É bom que os jovens conheçam e amem a nossa Obra.

CARAS NOVAS — Mais um rapaz que veio para a nossa Casa: o José Miguel Mendes Sanches. Já lhe deram o apelido: «Poeiras». É irmão do «Barata», Pedro Miguel Mendes Sanches. Esperamos que se habitue rapidamente à nova família e se dê bem com os novos irmãos.

FUTEBOL — Um fim-de-semana em cheio! No dia um recebemos uma equipa de rapazes pequenos. Por isso, não, houve preocupação na escolha de jogadores. O «Alentejano» e

o «Spock» fizeram a sua estreia e, para grande surpresa, aquele demonstrou que sabe jogar. Vencemos por 8-2.

No dia 2, os mais velhos tiveram que fazer! Defrontámos uma equipa dos arredores de Paredes e vencemos o jogo por 3-1.

«Vítinho»

Associação da Comunidade O GAIATO - Setúbal

PRECISAMOS DUMA SEDE — Há muito tempo que não damos notícia das actividades desta Associação. Talvez um pouco de preguiça e não estarmos acostumados a escrever para O GAIATO.

Caríssimos associados, estamos a caminhar devagar, mas na certeza de que cada passo é uma realidade. O grande objectivo é termos uma casa própria, uma sede. Vontade não falta! As várias audiências a entidades oficiais têm sido ineficazes. Mas somos bem acolhidos. Admiram o nosso trabalho. Temos lutado sempre, na esperança de conseguirmos uma sede própria!

Também apelo aos amigos setubalenses o obséquio de nos alugarem uma casa, ou até a oferta duma, porque não?, onde possamos reunir para mantermos a chama...

CONVÍVIO A 6 DE JUNHO — A Direcção vai promover um convívio em 6 de Junho, domingo, na baixa de Palmela. Esperamos a confirmação, de todos, até 30 de Maio.

Este encontro-convívio tem uma razão de ser: Por experiência, sabemos que há gaiatos afastados; outros, que a sua vida profissional não lhes dá hipótese de poderem estar.

As inscrições estão abertas. Contactar: Ourivesaria-Rejoaria Viegas, Travessa do Gorim, 1 — telef. (065) 39594 — 2900 Setúbal. A concentração, frente ao Lar do Gaiato, R. Camilo Castelo Branco, 22-A.

Temos uma conta aberta no B. C. P., Nova Rede, em Setúbal, com o n.º 55398050.

Saudações para todos os gaiatos espalhados pelo Mundo.

Américo Correia

Cooperativa de Habitação

Finalmente, algo de positivo se deslumbra no apoio à habitação social.

habitação social, sejam uma realidade e ajudem, também, a resolver o problema de muitas famílias de antigos gaiatos.

Correspondência: *Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos — Bloco 1 — r/c Esq. — Lugar de Vales — Paço de Sousa — 4560 Penafiel.*

Carlos Gonçalves

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «O Cristianismo, meus irmãos, já o deveis ter compreendido, é a única doutrina que nos ensina o sentido da vida.

Lembra-nos o dever de assistência para com o nosso próximo, dá-nos assim o verdadeiro sentido social.»

Nós procuramos desempenhar, com a vossa ajuda, este sentido social. Precisamos da coragem que nos têm dado para levarmos esta obra por diante, pois os nossos irmãos mais carenciados têm muitas necessidades e há cada vez mais famílias para ajudar.

«A Caridade porém não protesta nem se queixa; sofre, confia, espera. Este verbo universal que anda no coração de toda a gente é a palavra da Sopa de hoje — Esperança. Sim, eu espero na simpatia activa e compassiva de quem nos lê; espero naquela boa vontade que sabe multiplicar e repartir o pouquinho que têm de seu.» — Do livro *Pão dos Pobres*, de Pai Américo.

RECEBEMOS — Da assinante 21727, de Lisboa, 50.000\$00. M. M., 7.000\$00 para a renda da casa de senhora idosa e o resto para alegrar a Páscoa das nossas crianças. Assinante 26379, 5.000\$00. Este amigo também é vicentino. Ajuda com o que pode e pede a Deus que nos guie nos caminhos do amor e da verdade. D. E. Pereira, 5.000\$00 para acudir à mais urgente necessidade. 20.000\$00 para o leite das crianças, com votos de Páscoa feliz — da nossa amiga Maria Bernardette. Um pouco do supérfluo, de amigos de Coimbra. Pequena gota para minimizar o caudal das nossas necessidades, da assinante 28049. 7.000\$00 da nossa amiga, em Cristo, da Holanda, que brevemente virá a Portugal, manda uma linda mensagem na carta já habitual.

A todos os nossos agradecimentos e Deus vos abençoe.

Maria Germana e Augusto



O Ruben foi um dos baptizados, nas cerimónias pascais, em nossa Capela de Paço de Sousa.



O Alberto, de Maputo, pediu um chapéu e óculos para fixar a objectiva em dia de festa.

Vistas de dentro

Bodas de Prata

O Armando (Armandito) e a Albina quiseram celebrar suas Bodas de Prata matrimoniais em família cristã. Escolheram a nossa capela de Beire, onde há 25 anos casaram, e convidaram seus familiares e amigos para a festa.

Prepararam a Eucaristia, pelas leituras e pelos cânticos, concelebrada pelos dois sacerdotes do casamento e pelo actual pároco da freguesia onde residem. O grupo coral cantou com muita alma.

O casal foi conduzido à capela pelos dois filhos, no carro de um deles, os quais se mantiveram sempre ao lado dos pais e no momento da bênção das alianças também se deslocaram até ao altar.

Gostei muito de ver o Armandito de mãos erguidas. Desde pequenito que sempre o vi assim. Crente e humilde. Pés na terra e mãos para o Céu. «Mãos que trabalham, mãos que rezam, mãos unidas em doação à vontade de Deus e ao coração dos Outros.»

Da capela fomos para sua casa — fruto de muito amor. Toda caiada e com flores. A adega com mesa bem preparada para o convívio que decorreu com muita alegria.

Vivi com encanto aquele dia. Estiveram presentes dois irmãos do Armandito que vieram de Coimbra, alguns companheiros da Casa do Gaiato e todos os familiares da Albina. Recordei o drama familiar dele e dos irmãos. Ficaram órfãos de pai e mãe em pequeninos. O Armandito foi internado no Ninho e depois no hospital da Lousã. Veio daqui para a nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. É um casal feliz e procura ajudar os outros a sê-lo também.

Uma visita familiar

Alguns dos nossos mais velhos, de Miranda do Corvo e de Coimbra, vieram com os familiares passar o domingo a Paço de Sousa e a Beire. Um grupo grande, numa camioneta grande e três carrinhas. O primeiro encontro foi na capela. Depois, o almoço partilhado



Armando e Albina

e a visita de cada um aonde quis. A campa de Pai Américo ficou inundada de ramos de flores!

Saíram em direcção a Beire. Visitaram todos os doentes. Vi lágrimas em muitos olhos. Desceram à quinta e abraçaram Padre Baptista. Acarinharam os rapazes e admiraram as instalações agrícolas.

Regressaram contentes. No caminho jantaram, de seus farneis, à beira da estrada. Muita alegria na refeição. Por fim, abraços e beijos e prometeram voltar. Que bom sinal de família que a todos une! Como sempre, senti-me um pai muito feliz e pedi a bênção de Deus para todos.

Padre Horácio

Tribuna de Coimbra

Os Pobres têm filhos tão lindos!

Acabei de chegar. Venho de Vila Franca de Xira. São

horas altas da noite. Cá, em Casa, tudo em silêncio profundo. Trouxe comigo um ninho encantador: quatro adoráveis garotos

que acabei de aconchegar lá dentro. Pela hora adiantada, o sono trocado ou a mudança de ninho, foi um «degredo» para calar aqueles biquitos...

Maria do Rosário, a quem tinha telefonado, horas antes, a pedir mais este sacrifício à sua idade e aos seus tantos anos de serviço, apareceu e, como em outros tempos, ainda não perdura tino nem jeito de mudar fraldas... Dois deles vinham para usar fraldas.

Quatro lindas crianças! Os Pobres têm filhos tão lindos! Feitiço?... Ironia do destino?... Carlitos, com 2, Vitinho com 3, Marco com 4 e João Henrique — o mais velhinho — com 10. É ele o lacinho amoroso que os une à raiz. Eles são todos amorosos! O nosso «ai Jesus!». Ainda lá ficou um com seis meses. Sabe Deus porque o não trouxe...

Subi ao escritório com todos no pensamento e no coração... E agora? Como o sono ainda por lá andasse vagueando, peguei no correio. Uma carta. A meio

dela: «Como os Pobres precisam de ser evangelizados... e é tudo para os mais lavados...». Referia-se a uma tragédia familiar que, com desvelo, acompanha há algum tempo. Mais magoada, ainda, pela indiferença e crítica desencorajadora a que, o meio em que vive, a votou: «Uma senhora, aparentemente 'santa', dizia-me ontem: 'Deixe essa gente...'».

Não podemos deixar essa gente, não senhor! Também o disse ao prior daquela terra, que me conduziu ao conhecimento daquela tragédia. Pedi-lhe que não deixasse aqueles pais incapazes. Um e outro ainda tão novos e sem perspectivas de futuro na vida. Pobres filhos que trouxe; pobres pais que ficaram. Uma sensação de arrepiar. Para aqueles somos uma solução, mas para estes: quem lhes deita a mão?

Não podíamos deixar esta gente, disse-o também aos rapazes quando lhes falei do carinho que todos devem dar a estes irmãos nossos,

DOCTRINA

...vem há longos anos dizendo a mesma coisa...



DAMOS hoje início ao quarto grupo de estagiários, depois de terem regressado a suas casas os do terceiro, saudosos e contentes. A festa Eucarística deste terceiro grupo bateu a dos antecedentes em número e disposição. Os rapazes confessam todas as suas culpas com simplicidade, candura e convicção e durante a Missa entoam cânticos religiosos, harmoniosamente. É a festa dos nossos benfeitores anónimos, escondidos, alguns sacrificados, cuja acção é piedosa e silenciosamente retribuída pelos garotos, em todas as Colónias de Campo. A gente pede por amor de Deus e da mesma sorte agradece e ensina a agradecer. Este «por amor de Deus», quando não é interjeição nos lábios de quem fala, é uma fórmula enérgica e criadora, responsável pela clareza com que vemos os factos e pela coragem em os arrostar; pois compreende-se que primeiramente nos ama Deus a nós.

HÁ sempre uma data de miúdos que pedem e insistem para ficar mais tempo, mas não podem ser atendidos; outros estagiários esperam vez, em Coimbra, e eu não posso levantar o número nem dilatar o tempo por escassez de recursos. E tenho pena, porquanto alguns dos que pedem e insistem são garotos absolutamente abandonados que se aninham na Baixa em casa de famílias emprestadas e vivem do tostão da rua. Estes, particularmente, desejaria eu conservar e educar na Casa do Gaiato. Porém, os meus planos e desejos têm de sofrer a violência de causas estranhas; não que eu ignore o que quero fazer, mas sim porque não posso realizá-lo — falta de meios!

ACABO de ler o número de Julho do *Boys Town Times*, do Padre Flannagan. O Secretário da Câmara do Comércio daquela cidade de homens pequenos anuncia que durante o mês foram os seus habitantes visitados por 43 Estadqs da América, em média de 400 pessoas por dia e 2.000 nos sábados e domingos. Contam-se pelos dedos da mão direita os visitantes desta Casa. E, no entanto, a massa destes rapazes é idêntica à dos do Padre Flannagan e a Obra tem igualmente seus pontos de contacto, adentro da mesma finalidade. Muito mais do que eu beneficiará a sociedade do Bem moral e físico que se faz a estes garotos quando eles forem os homens de amanhã. Não me queixo de nada nem de ninguém; somente tenho dor de não poder fazer mais nada e melhor.

O. Amín. S!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2.º vol.)

SETÚBAL

A família da Rua Jacob Queimado

Dói-me não poder já pôr no jornal a feliz notícia da compra da casa para a família da Rua Jacob Queimado. Estou a esbarrar com dificuldades burocráticas que não previa e a sentir-me um pouco como Jesus entre Herodes e Pilatos, mas a beleza interior do Reino de Deus, viva no coração de tanta gente, é tal que só para a ver, valeu a pena a aventura de nos erguermos contra a injustiça da justiça do tribunal e das leis.

De Lisboa vem uma carta com 50 contos a dizer: «O dinheiro provém da renda de uma casa que há 28 anos pagava 1.500\$00. Esta foi a primeira dentro da valorização actual e meu marido e eu resolvemos dá-la a quem mais precisa». Ora aqui está uma forma prática de pregar o Evangelho e de preparar a Comunhão Eterna no seio do Pai. É o único jeito que Jesus usou para pregar a Vida e a Ressurreição. Vem, bendito de meu Pai, que Eu não tinha casa e deste-me uma casa. Vem possuir o Reino que te está preparado desde a construção do mundo!...

Padre Acílio

mais pequeninos, da nossa família.

Também disse à senhora que não os podíamos deixar, por lá; que por causa deles aqui estamos no nosso ser para os mais pobres; que iríamos fazer o melhor possível, em conjunto.

No final, antes de me entregar ao sono, pedi ao Senhor — com Quem às vezes converso — que a Mãe Igreja — único lugar onde nascem e crescem as verdadeiras mães dos Pobres — nos prendesse... Sei que Ele ouve. Não sei se o merecemos.

Padre João

Uma carta

«Muito admiramos a Obra da Rua. Agora que temos uma filha de quatro meses, mais gostaríamos que todas as crianças fossem amadas como a nossa é.

Lembramo-nos muitas vezes de vós. É pena que, em tão poucas, actuemos segundo a nossa intenção. Espero, daqui para a frente, mandar mais notícias. Este pequeno donativo é para aquilo de que necessitardes.

Luís e Leónia»

Cinquenta anos depois

Continuação da página 1

Deus com os anjos. Em Agosto, chegam mais nove obreiros. Vêm da Casa Mãe. São os fundadores de Paço de Sousa. Por esse tempo, tomamos conta do amanhã da quinta; foram-se embora os caseiros que a fabricavam. Comprou-se mais gado, alfaias, sementes. Começamos a cultivar os campos na sua totalidade. Grandes jeiras de terra negra cobrem-se de tapetes de pão. Os rapazes deliram com a vida a germinar. Dizem coisas aos frutos pendentes. Falam ao gado nos pastos. Lavam os calos em grandes bicas de água, antes de entrar no refeitório. Sente-se uma pequena colónia de pequeninos trabalhadores organizados, com as horas ocupadas na vida de campo, de escolas, de oficinas — horas para tudo.

Vive-se exuberante alegria que promana do lume da lareira. Os cozinheiros lembram à senhora qualquer prato especial que os rapazes gostariam de comer amanhã. O despenseiro gostou de receber ordens nesse sentido. Os refeitórios passam palavra à malta: *amanhã temos batatas!*

Arvoramos a bandeira da independência...

Não vivemos a vida tenebrosa das pautas e dos regulamentos. Dispensou-se o zelo mai-lo saber do funcionário de profissão. Fizemos um pequenino *mil seiscentos e quarenta* dentro de Portugal e arvoramos a bandeira da independência com a divisa *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*.

Entrementes, emergem da terra as primeiras moradias da nossa futura Aldeia. Aboliu-se o sistema de caserna por ser contra a natureza da criança. Constroem-se vivendas de ar e luz, para famílias. Uma casa que verdadeiramente interesse os seus simpáticos e irrequietos habitantes. Que lhes inspire amor ao asseio. Que lhes dê o verdadeiro sentido da dignidade de pessoa humana. O belo, por ser reflexo da Beleza Incrída, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo. Digo mais. Sem beleza, toda a pedagogia é morte; nem o próprio Evangelho realça.

Realizar o Incrível

Entretanto a nova Aldeia ia crescendo: «Sem letras, sem dinheiro, sem prestígio, sem nada, íamos realizar o Incrível. Colocámos o projecto nas mãos do Arquitecto Teixeira Lopes e dissemos que queríamos tudo de granito e nada igual.

Eu tinha recebido das mãos da Junta do Douro Litoral o seguro de 156 contos por um incêndio que aqui houvera em 1939. Tinha este dinheiro e não tinha mais nada. Ouvira falar do Engenheiro Duarte Pacheco, então Ministro das Obras Públicas. Fui por aí abaixo. Nunca nos tínhamos encontrado. Eu disse. Ele escuta. Não levava comigo riscos nem figuras, nem ele precisava delas. Pedi trezentos contos. O Ministro adiantava-se cem anos e diz a tudo que sim.

Eu balbucio dificuldades de prestação de contas. Ele responde que não e exarou: *Concedo ao homem e à Obra, a qual não pode estar sujeita a peias burocráticas*. Isto consta dos arquivos. Isto foi ontem, com um avanço de cem anos. Isto tem rendido cem por um à Nação.

(...) «Não levou muito tempo que as primeiras casas saíssem dos alicerces. Mas eis que se dá um acontecimento nacional. Eu estava em Miranda do Corvo quando a Emissora deu a notícia, no dia 16 de Novembro. Era uma voz plangente a dizer que o Ministro das Obras Públicas tinha morrido naquela manhã de um desastre.

Trabalhavam em Paço de Sousa uns 150 homens. Eu tinha o Ministro e mais ninguém. Ele morre. Tudo acabou! Deliberei despedir homens, reduzir despesas, confinar-me à Casa de Miranda. Morreu o Engenheiro Duarte Pacheco!

Mas Deus é eterno! — berrei eu dentro de mim. E com este pensamento me levantei. Se não tão fácil como seria, a Casa do Gaiato do Porto é hoje uma formosa Aldeia de magníficas construções.»

• Dia 31 de Maio celebraremos, pois, os nossos 50 anos, assim Deus nos ajude.

Pendendo sempre para a *liturgia ferrial*, mais que para



O belo, por ser reflexo da Beleza Incrída, tem dentro de si mesmo um grande poder educativo.

as *solenidades*, tudo será simples, em volta de duas mesas: a do Altar, no Acto da acção de graças e do partir do Pão que é Jesus Cristo; e depois as do refeitório, no comer em família o pão que Deus sempre nos deu e dá.

Havemos de lembrar especialmente todos os que estiveram ligados à fundação da Casa, desde o Eng. Duarte Pacheco até aos rapazes da primeira hora, alguns dos quais já não são deste mundo.

E para não faltar uma inauguraçõzinha a marcar o acontecimento, vamos a ver se temos pronta a casa 1 - 1.º andar, para acolhermos os nossos padres que, a não ser assim, teriam de ficar por aí de qualquer maneira.

Padre Carlos

Outra carta

«Começo por pedir desculpa do pequeno atraso na renovação da minha assinatura. Mas, apesar de sabermos que o Senhor nos dá uma cruz para a levarmos até atingirmos a única verdadeira felicidade junto d'Ele no Paraíso, essa mesma cruz é difícil de transportar e desorganiza mesmo os nossos deveres.

(...) Em cada cruz o problema

é diferente, mas para cada um ela parece sempre terrível. Já há alguns anos que venho tendo alguns problemas, mas estou num momento muito difícil de ultrapassar... Peço as vossas orações e Deus me ajude. Se não for como eu gostaria (os desígnios d'Ele são insondáveis) que ao menos me dê força suficiente para aceitar.

Assinante 28807»

FESTAS

Continuação da página 1

Uma pequenina frase aparece na apresentação que os nossos rapazes do Tojal fazem nas nossas Festas: «Não queremos ser apenas consumidores passivos dos bens culturais. Queremos ser intervenientes no mundo da cultura». É uma frase bonita e cheia de consequências. Decidi-me reflectir sobre ela.

Costuma dizer-se que a cultura é a alma de um povo. O homem não é principalmente um ser da natureza, mas um ser da cultura. Toda a sua identidade está marcada pela história anterior e pelo conjunto das criações que, no momento, se vão pondo de pé. Assim, é a partir da cultura que cada um de nós se relaciona consigo próprio e com os Outros. É a partir da cultura que um grupo social se diz no presente, cria as opções de futuro, estabelece as relações com o seu semelhante e com os outros grupos, por vezes diferentes. Temos, deste modo, no mundo da cultura os objectos que inventamos e de que nos servimos, as rotinas que criamos no dia-a-dia, as regras de aceitação e exclusão, as normas que regem até as nossas mais íntimas formas de pensamento, os valores que orientam e dão sentido à vida e nos tornam felizes ou infelizes consoante a sua

realização e adequação à realidade do ser humano.

Por outro lado, uma das descobertas que fomos fazendo ao longo dos tempos tem a ver com a necessidade própria do homem de ser criador, sentir que o seu agir não é simples reprodução de coisas feitas e criadas, mas que no seu agir vai algo da sua inteligência, da sua vontade, da sua sensibilidade, do seu coração, da sua liberdade. É nesta maneira de fazer que cada ser humano se vai sentindo realizado e feliz. O consumo passivo dos bens culturais é frustrante e esvaziador da própria humanidade. Podemos perceber muitos dos vazios existenciais na nossa sociedade quer pela sua marca burocratizada, quer pela passividade no mundo do ensino, quer pela forma como os próprios tempos livres são organizados, apresentados, impostos e consumidos, para já não falar no mundo do trabalho onde a grande maioria dos trabalhadores não é dada a mínima hipótese de serem eles próprios. Sinto com muita alegria ver os nossos rapazes dizerem que não querem ser consumidores passivos. É o grito humano da liberdade e criatividade, próprios de cada homem. É o agirem diante do que vêem e ouvem. Que assim continuem!

Por outro lado, ao afirmarmos «queremos ser intervenientes no mundo da cultura», poderemos perguntar-nos em que aspectos. Tenho para mim que não está na sua lógica concorrerem no plano artístico e estético, embora o que realizam tenha imensa beleza. O seu contributo situa-se mais noutra lado: imprimem no seio da nossa sociedade a solidariedade como valor de um povo e de uma comunidade. São testemunhas de que sem a solidariedade não estariam ali felizes e criativos, realizando em conjunto a Festa.

Hoje fala-se muito de organização social e de justiça e espera-se que de cima venha a solução para todos os males. As sociedades criam organizações, mas é importante saber quais os valores que as informam. A solidariedade nunca estará a mais. É ela que poderá criar o tecido humano capaz de constantemente fazer funcionar as organizações e

instituições em termos de respostas humanas. A vida de hoje leva-nos a vivermos muito apressados e a não termos tempo uns para os outros. Não escutamos nem vemos. Tornamo-nos insensíveis. Fechamos as portas ao coração. No entanto, há problemas humanos que não se resolvem com brilhantes organizações se faltar o essencial: o amor. Gostei da escolha que os rapazes fizeram de um trecho falado de Pai Américo em que ele nos diz. «Não é com dinheiro nem com política, muito menos com discursos que se resolvem as coisas. É uma questão de coração. Recuperações assim o essencial do Evangelho — Boa Nova para os Pobres que se sentem amados e acolhidos.»

Continuaremos a fazer as Festas. A nossa sociedade precisa delas. Precisa desta mensagem de esperança, de fé e de amor.

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (056) 752286 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239